

Escola de Direito

ORGÃO DA FACULDADE

Recife, 16 de Junho de 1898

— Mais de uma vez nas columnas d'esta revista temos escripto em defeza do regimen livre, mostrando, se não com o brilho dos privilegiados ao menos com a convicção arraigada de crentes, as vantagens deste sobre o oppressor systema da obrigatoriedade, em má hora, instituido para as escolas juridicas da Republica.

Ainda e sempre na estacada: voltamos hoje á carga, e o fazemos com tanto maior satisfação, quanto é certo que essas idéas, com recordarem um anno e mezes de lucta em pról da liberdade no ensino superior, assignalam o apparecimento do unico e legitimo orgão da mocidade academica no Recife---a *Escola de Direito*, que muito embora modesta, tem grangeado, máu grado alguns, entre quantos a conhecem, um nome que nos honra, uma reputação que nos envaidece.

Enfadonho seria reproduzir, e de certo não o fazemos, toda a argumentação de que anteriormente nos servimos no firme proposito de não ceder uma linha nessa campanha iniciada, em dias do anno passado, contra a odiosa excepção com que approuve ferir-nos o Congresso Nacional, revogando o regulamento — Benjamin Constant, de tão beneficos effeitos, e submettendo-nos á frequencia obrigatoria. E dizemos odiosa por-

que somos os unicos a soffrer as consequencias dessa determinação iniqua do legislativo brasileiro, duplamente iniqua pela excepção creada.

Pouco habituados a contemporisar, e em que pese aos nossos estimadissimos collegas de S. Paulo, não é com bons olhos que d'ali vemos partir o pedido da nossa solidariedade e prestigio para alcançar do Congresso, que gratuitamente nos odeia, a concessão «aos alumnos que prestarem exames do 4.^o anno, de requerer o exame do 5.^o em qualquer das epochas».

Não fazemos, entretanto, fique aqui consignado, opposição ao pedido dos nossos intelligentes condiscipulos.

Dissipem-se todas as sombras: nós queremos o ensino livre tal qual o formulou o inolvidavel Benjamin Constant no regulamento que a Camara e o Senado Federal entenderam, no afan de tudo reformar, ainda que para peor, de bom aviso revogar em meados de 1896; queremos, entretanto, a fusão dos cursos, e até, aceitamos, á parte pequenas modificações que julgamos de todo ponto imprescindiveis na disposição das materias que constituem o curso actual para melhoria e facilidade na comprehensão do seu estudo, o regulamento presentemente em vigor.

Continuemos no posto que immerecidamente nos commetteu a mocidade do Recife sem ceder um passo, pois alenta-nos a doce esperança — e «a esperança é o maior dos bens», de melhores dias.

Ac. 374242
Ex. 1
8928131

Luiz Guimarães

Em o numero d'aquelles que moirejam em pról da literatura patria, fazem-se dia a dia perdas sensiveis, abrem-se claros onde espiritos lucidos fulgiram, confundindo raios, numa apothese de luz, com os de outras cerebrações não menos raras e proveitosas.

Aguias luminosas da Ideia, de vôo alçado aos páramos da perfectibilidade, ellas amainam de quando em vez o adejo herculeo, tombam feridas pelo cansaço, forças aniquiladas pelo afan de uma lucta gigantea.

D'entre as que assim têm baixado, deixando na trajectoria gloriosamente percorrida os focos brilhantes das pennas immaculadas, sobresahe Luiz Guimarães Junior, o pranteado homem de letras que ha pouco desceu ao tumulo.

A poesia, immenso mar tranquillo sobre cujas aguas esmeraldinas se retratam as almas alcandoradas e bôas, foi o genero de literatura preferido por Luiz Guimarães, e os seus ensaios, isto é, as primeiras manifestação de sua alma juvenil, vibraramnos «Corymbos»

Alem d'este livro de versos, que fez, pôde-se dizer, o inicio de sua vida literaria, Guimarães Junior deu á publicidade ainda alguns outros de prosa, onde em estylo correcto e cuidado o seu talento descriptivo teve azos de se evidenciar.

«O ultimo concerto» e «Contos sem pretensão» — são trabalhos em que o poeta sonorisa a phrase e tem rasgos fulgurantes de imaginação.

Foi, porém, na poesia que mais se absorveram as suas energias de luctador infatigavel e mais vibrou a

sua alma grandiosa : isto nol - o demonstra o seu livro «Sonetos e Rimas», dado á estampa em Portugal.

Se bem que se não possa dizer ter sido Guimarães Junior um poeta de tempera superior, nós o reconhecemos, todavia, como adoravel poeta, á leitura de cujos versos, repassados de um lyrismo ineffavel, sentimos a alma docemente embalada librar-se nos plainos edenicós de um bem estar inegalavel . . .

O poeta falleceu em Portugal onde fixára residencia; antes, porém, de descer os degráos do tumulo quiz-lhe a sorte adversa e ingrata que a maior das desditas o acabrunhasse, angustiado-lhe a existencia preciosa : foi assim que o inditoso cantor perdeu a vista e longo tempo tacteou, envolto na escuridade, na tortura cruciante de quem sente fallecer a esperanza de rever as plagas que lhe foram berço !

*
* *

Noiva Morta

Bella, d'alvura irial de um floco branco
de neve, n'aza setinosa e doce
de um sonho virgem, palida findou-se,
guardando loiros cherubins seo flanco.

Solto o cabello, a tez eburnea e sobre
seo casto seio as frias mãos poisadas,
branca, da cor das frescas madrugadas,
que os lyrios roxos e as saudades cobre

Sombrio e afflicto, um perfumado goivo
afronxela no seio, o triste noivo....
Rezam, chorando a derradeira prece.

E o candido caixão de flores chelo
aos reflexos do Sol que estrial-o veio,
singelo e branco á sepultura desce.

Alfredo Mair.

Pelo Azul

Foi-se-me aquella ultima esperanza
Sobre aurea concha de um batel ligeiro,
E, ainda assim, minh'alma não se cança
De procural-a pelo espaço inteiro.

E quando, a' tarde, o sino do mosteiro
Plangentes sons tristonhamente lança
Ella recorda o mystico soalheiro
Morno, do olhar febril dessa creança.

Quando no ceo a lua se alcandora
E a terra foge a' sombra e a sombra a' terra
Ou quando morre a treva e nasce a aurora,

Minh'alma pelo azul em sonhos erra,
Buscando vel-a n'amplidão sonora,
A' luz da lua, e a' luz do sol que a encerra.

Recife—1898

Edmundo Filho



Confederação do Norte

Uma idéa verdadeiramente redemptora começa a agitar o coração de toda a mocidade culta, de todos aquelles que pugnam pela prosperidade de nossa patria escravizada.

Quem quer que procure a salvação da Brazil actual, só a encontrará na separação do norte, que, continuando unido a essa immensa Federação, demonstrar perdido a memoria de suas antigas tradições, das suas passadas façanhas, gravadas no tronco de cada uma das nossas arvores seculares, no bôjo de cada uma das vagas que tenham beijado as nossas praias.

Não é a primeira vez que tal idéa occupa a imaginação dos nortistas.

Já em Julho de 1824 Manoel de Carvalho Paes de Andrade proclamou a Confederação do Equador, que por falta de elementos para oppôr á tyrannia, teve de submeter-se ao azorrague do despotismô.

O sangue dos martyres de então, que um tribunal iniquo derramou, fez com que em nossos corações de sabrochasse, cada vez mais pujante, o amor das causas liberaes: jamais é impunemente que um homem morre por um principio.

Quanto foi nobre a causa por que elles morreram, provam-n'o o acatamento e a veneração que temos á memoria de Caneca, que, representando esse punhado de bravos, congregava em si a democracia dos Gracchos e o sentimento altaneiro que Guilherme Tell nutria pela independencia.

Ainda, porém, esses homens apegados á rotina como a hera ao muro derrocado, dizem: a separação do norte é uma utopia,

Responder-lhe-hemos por nossa vez: utopia era o Christianismo que, pregado por um homem obscuro da Galiléa, atravessou dez perseguições e sempre progredindo estabeleceu o papa na cadeira de S. Pedro e dahi pela sua bocca começou a dictar leis ao mundo; utopia era os *direitos do homem* que, apregoados pelo grande Rousseau e outros, elevaram-se da choupana do plebeu até ao throno onde com Luiz XIV se havia sentado o despotismo derribando a Bastilha, reducto infame da tyrania e dos reis preconceitas de então; utopia era a independencia dos Estados Unidos de cujo solo a voz de Washington fazia brotar intrepidos e generosos patriotas e, transpondo as selvas e os mares, ia despertar o riso ironico do povo inglez.

A historia, na observação consciente dos actos humano, demonstra que de «indole revolucionaria são todos os povos de origem ~~ingleza~~» /

Esta triste verdade nos mostra que estamos destinados a viver em continuas luctas.

Mas essas luctas não poderiam absolutamente ter lugar se os mesmos fossem os nossos costumes, se igual fosse a representação nacional ao governo do paiz, se uma parte deste não estivesse sempre a corromper-se devido ao contacto continuo de imigração, residuos de sociedades estrangeiras, si, finalmente, essa parte, que se julga mais adiantada, mais rica, não quisesse, como sempre tem succedido, exercer sobre o Brazil inteiro uma preponderancia tão despotica como a de Esparta que, para não ter quem lhe disputasse a primasia nos negocios da Grecia, mandou *desmantelar*, sua rival, a voluptuosa Athenas, que havia salvado a península da dominação estrangeira, que havia recebido a civilisação quando banida do Oriente em decadencia!

E' infelizmente o que se dá connosco relativamente ao Sul.

M. e não havia razão alguma de ser assim, porque

o norte tem sido o paladino constante de nossas liberdades, tem sido a guarda avançada do paiz em todas as occasiões !

Jamais em seu sólo sagrado um estrangeiro pisou impunemente !

Estavamos ainda sob o ferreo jugo do despotismo metropolitano ; os brasileiros eram vis alimarias sobre cujo dorso ensanguentado repousava uma cõrte dissoluta, que, envolta em custosas purpuras, prodigalisava a mãos cheias o ouro que nossos paes arrancavam das entranhas da terra, deixando em cada uma de suas anfractuosidades uma particula de suas carnes, uma baga do seu suor, uma lagrima do seu coração ; os instrumentos de torturas, isto é, a morte ignominiosa do reprobado, eram a unica miragem de futuro que estampava-se na frente de seus *senhores* ; a deusa da liberdade era um mytho que apparecia á humanidade por entre as brumas das lendas antigas, andava foragida e, qual outro Ashaverus, *procurava onde pousar*, — quando Bernardo Vieira, no Senado de Olinda, apresentou-a aos seus irmãos como a redemptora de suas desgraças, a virgem immácula que poderia quebrar os grilhões de seu aviltamento !

O captiveiro apparece, diz Bastiat, quando o homem comprehende que é possivel fecundar a terra e faz com seu irmão esta partilha : a ti a fadiga a mim o producto.

Tão infame instituição começou a ser victoriosamente combatida no momento em que com a aurora da civilisação surgiam as idéas novas.

Foi assim que em 1776 a Virginia constituiu-se o arauto d'essa nova crusada abolindo o trafico da carne humana.

Seu exemplo foi sendo seguido pelas nações civilisadas.

Sò no Brazil existia «esse cancro social» que e ihi-

bia-o, como barbaro, de entrar nos combates da intelligencia em que os paizes livres empenhavam-se, porque para elle não havia ainda surgido este sublime *fiat lux*.

Chegámos afinal a uma das phases mais importantes da nossa vida moderna, aquella em que o abolicionismo foi objecto de uma propaganda ininterrupta.

O sulista brasileiro, como o da America do Norte, oppunha-se a esse movimento da opinião publica.

Fidalgo pelo dinheiro e talvez pelo celebre *direito divino*, elle gostava de repousar seus ocios, de amenisar seu *spleen* sobre fôfo tapete roseo entretecido pelo paria. pobre escravo nostalgico, cujos filhinhos o *senhor moço* violára, cuja mulher havia sido vendida para terras distantes: attentado barbaro, flagrante, monstruoso contra todas as leis da natureza!

Mais ainda d'esta vez o Norte pugnou pelo bocca de seus filhos mais illustres contra essa escravatura que era a mancha que contrastava com a liberdade americana.

Emfim quando o sol de 13 de Maio desapparecia no occaso já não havia mais sob o risonho céu da patria senão homens livres e ninguem ignora que o decreto em virtude do qual ficava abolida a escravidão no Brazil, era ainda obra de um filho do Norte.

Quando a palavra — Republica — começou a ser o continuo balbucio de todos os patriotas, quando todos os paizes da America eram governados pelos seus proprios filhos, em cujos corações palpitava vibrantemente o amor da liberdade, quem foi que derribou um throno que era a nossa vergonha, porque era a nossa escravidão, senão um nortista que reconhecia que «ha usurpações legitimas: as que cavam as idéas, os povos e as instituições»!?

Mas ainda sob o regimen autocratico da monarchia, a republica tinha um «quartel general» e uma

«secretaria de estado» no humilde escriptorio de um advogado que era o grande apóstolo da democracia, o abnegado defensor da causa do povo a quem, com seu exemplo, estimulava a quebrar as cadeias de sua escravidão.

E quem era este novo Catão, este moderno Bruto se não o genial Saldanha Marinho, cujo espirito está talvez adejando em volta do pedestal sobre o qual fundou-se a República Brasileira?

Depois, durante a revolta de Setembro, quem, como Mathias de Albuquerque, encheu o mundo com o ruído do seu nome, se não o Marechal de Ferro, orgulho do exercito nacional?

E a que vem então essa supremacia irrisoria, se não fosse odiosa, que o Sul quer exercer sobre todo o paiz.

* *
*

A separação do norte será um facto amanhã e, então, elle já estará tão perto de sua ruína que só muito patriotismo poderá salvá-lo.

De esperar, porem, pela consumação total e tão bem iniciada d'essa ruína, são incapazes aquelles que hontem combateram pela independencia, depois pelo abolicionismo, depois pela republica e em todos os tempos pela liberdade, deixando durante esse longo caminho de seculos uma infinidade de tumulos, cujo unico epitaphio é a veneração dos verdadeiros patriotas.

Os factos altamente escandalosos que se dão quotidianamente no Brazil e o papel que nesses factos o Sul tem representado, mostram bem quaes são suas intenções para com o norte, no qual vê talvez simples colonia.

Diz elle que não precisa do norte e que este só lhe tem trazido prejuizos.

Pois bem, que não opponha-se a este ideal do partido liberal de outr'ora, mesmo porque esta scisão será uma nova fonte de receita com que seus financeiros não contavam.

(*Continua*)

5-98

LUIZ CORREIA

LOUCA

Grades de ferro enormes e pesadas
nas janellas e portas. Vives presa,
sedenta de ira e cheia de feresa,
gritando e rindo aos saltos e a's pancadas.

Enlouqueceste, a mais cruel fraqueza,
de todas as fraquesas praticadas,
deixou-te nalma eternamente accesa
a chama das lembranças malfadadas.

Tens no semblante placido: tã' pouco
synthetisan lo bem o que tu sentes;
quando a blasphemia sahe de tua bocca.

Na communhão da liberdade e a villa
apenas levas horas descontentes
num limitado carcere retida.

Fiuza de Pontes



Dolor

A'quella que foi a minha estrellle, rutila
estrella n'um céu immacula vel.

Longe do teu olhar cuja doçura
Me transportára ao céu d'um paraíso,
Mora-me dentro d'alma a noite escura.
Não mais a estancia do prazer diviso...

Se acaso do horisonte o largo friso
Contemplo, e o meu olhar o teu procura,
Esvae-se-me a esperança n'um sorriso
Amargo que me empresta a desventura...

Vejo tudo deserto! A ave encantada
Do nosso amor, em célere revoadá,
Azas rufou na vastidão sonora...

Foi em busca, talvez, d'um pouso ameno,
Deixou-me n'alma o túrbido veneno,
A dor, a eterna dor que me devora!

Corrêa Pinto.



GENESE DAS RELAÇÕES OBRIGACIONAES

(REFLEXÕES)

O sentimento de sociabilidade nos individuos, á uma filtração de interesse e sympathy, originou esse accumulo de relações chrystalisado no sentimento obrigacional.

O estadio de dependencia e coherencia que a estabilidade do grupo humano caracteriza, é o da estratificação das relações obrigacionaes.

A principio o isolamento, a absorpção do individuo pela comunidade, nullificando a sua vida e esforço, o impediam que sentisse o proprio valor.

Desdobra-se, porem, o rutilo tecido da convivencia em que se entrelaçam os individuos pela affeição e pelo util, á essas duas magnas forças que impellem o homem á conservação e aperfeiçoamento de si mesmo e á conservação e aperfeiçoamento da especie.

Surge o individuo social como uma dilatação do proprio individuo.

«L'individuo solo non é l'uomo ma è invece una molecola ed una parte rudimentale di esso; la quale, com progressionē ascendente, deviene sempre più organica a misura che dallo statto selvaggio passa gradatamente a quello civile de una ordinata convivenza,» diz Cimbali.

Um organismo é formado pela constante aggregação cada vez mais complicada dos individuos para a satisfação das suas necessidades; o facto economico faz circular o sangue nos seus membros, derramando-o na infinita rêde arterial das relações obrigacionaes.

Foi a troca de objectos e de serviços, produzindo uma corrente de afeições e fundindo esforços, que impellio um individuo a outro, em beneficio da sua propria efficacia.

A's primeiras manifestações da função obrigacional, o individuo torna-se energia e deixa de ser «atomo incorporado na comunidade, em meio da qual nasce vive e morre fatalmente, sem força da consciencia propria e sem consciencia da propria força.»

A genese das relações obrigacionais devemos procurar, pois, entre as primeiras manifestações do sentimento de sociabilidade. O conceito da obrigação envolve a individualidade em toda a sua eclosão na atmosphera social; «*esso riflette le fase per le quali è passata l'individualità umana nei suoi rapporti con la società*», como muito bem se expressa Cogliolo.

A' principio, de accordo com a ancia, que tinha o homem de adquirir o estrictamente necessario, o sentimento da obrigação é vago, os homens limitam-se a uma simples troca imperfeita de cousas e serviços.

As relações mantidas entre os individuos tornam-se, depois, mais consistentes: uma ideia de subordinação liga-os ao grupo representado no Chefe.

Quando este chega a dividir as funções pelos individuos, torna-se fecundante o campo das obrigações, com o reconhecimento da propriedade privada, se bem que num estado rudimentar, pela qual o homem tem alguma cousa de proprio e começa a sentir o desejo de trocar por uma outra que melhor preencha o vacuo de sua necessidade.

Assim é que as organizações sociaes se tornam mais complexas e mais solidas e as relações obrigacionais adquirem um caracter correlativo; tendo sido a principio estas relações obrigacionais muito elemen-

tares, tornam-se mais tarde multiplas á proporção que se accentuam as necessidades humanas e que um processo de differenciação se faz sentir na actividade humana.

Puglia combatendo a opinião de juristas que dizem ter as relações obrigacionaes o seu fundamento na limitação da vida e nas necessidades que d'ella derivam; limitação que corresponde a prestações e trocas, considera-as um producto da evolução das necessidades humanas, do desenvolvimento sempre crescente da actividade individual e uma determinação evolucional nas relações em que entram os homens para o seu adaptação ao ambiente da vida e em outros termos para a conservação e consecução do maior bem estar possível.

A ideia de obrigação, porem, implica sempre uma limitação de liberdade psychica, e de propriedade, embora d'esse refreimento dimanhe uma corrente em que é vasada a energia individual.

No desbastamento do bloco do sentimento obrigacional as trocas de simples permutas de objectos e serviços passam por grandes transformações, e as necessidades se complicam correlativamente ás relações que os individuos mantem entre si e concomitantemente torna-se preciso garantir o que têm convencionado.

Não é só o facto puramente economico que surge com estas relações mas o facto juridico delineado pelo contracto.

D'ahi a obrigatoriedade que «nasce dalla necessità di tutelare l'adempimento de ciò che s'è convenuto validamente perchè non provachi la reazione individuali, nel modo stesso che si garantisce il diritto di proprietâ perchè ciò che é constatato ad altra uno sforzo no gli può esser tutto senza provocare una reazione» como affirma d'Aguanno.

Aqui ficamos, reconhecendo o quanto ha de racio-

nal em considerar-se a obrigação como uma função sociologica.

SORIANO DE ALBUQUERQUE

CONDEMNADO

Do pecto rude no íntimo offendido,
havia um drama lugubre guardado.
Amara: um doído amor nunca entendido !
Soffrera : um soffrimento resignado.

Muitas vezes, à sós, quando o passado
recordava-me, em ancias, o vencido,
seu triste olhar, feroz, de condemnado,
tinha um longo pezar, doce, escondido !

Odio voraz, ciúme voraz ! Soffresse
embora, dentro d'alma, as dores d'esse
martyrio, o horror não viam-no siquer. . . .

E, nas horas fatzes de agro tormento,
perfumavam-lhe sempre o pensamento
uns ditosos encantos de mulher. . . .

Recife

José Henrique.



MUNDAHU'

(LENDA)

Esse que ruge a nossos pés e brama
Como uma fêra, nas enchentes, quando
Pelos campos virentes se derrama,

Disse-me o velho, tremulo, apontando
A impetuosa caudal do rio enorme
Que nas ribas rebenta espumecendo;

Foi um grande guerreiro - a massa informe
Das aguas que aqui vês, rugindo agora
Como uma *sucury* que nunca dorme!

A sua tribu altiva e vingadora
Cujo nome correo de taba em taba
Gelando o sangue ao mais valente, outr'ora

Deo-lhe o grande arco de *morubixaba*!
De tal sorte mostrou que o merecia
Que a sua fama nunca mais se acaba

*
* *

Resôa a *inubia*, ao declinar de um dia
Echoando ao longe pelos descampados
Repercutindo pela se'ania...

A' frente de guerreiros adestrados,
Ao mando de mil arcos invenciveis,
Bate o chefe restingas e vallados...

Na guerra era temido entre os temiveis,
Os embates brutaes de sua mão
Do campo demoviam os impossiveis

Toda a noite no matto andou na caça
Do estrangeiro servil que ameaçava
De morte a sua tribu e esta ameaça

Vingar a todo transe procurava
Co' os seus, - tinha desejo de extinguil-a
E ia rompendo o seio á selva brava.

Morreo do sol a ultima scintilla...
Argenteando as montanhas alterosas
Ergueo-se a lua, pallida e tranquillã...

De Garanhuas ás margens deleitosas
Acampou Mundahú com os seus guerreiros;
Horas correram mudas, silenciosas...

A aurora n'uns clarões alviçareiros
Auri-rosava os parâmos do Oriente...
Rompia a madrugada... Os estrangeiros

Atacar vinham surtateiramente
Os guerreiros na selva adormecidos
Por sobre a alfombra madida e virente...

Ouve-se um tiro!.. Imprecações, bramidos,
Proromperam do peito dos mil bravos
De Mundahú, temido entre os temidos!

Da *inubia* e do *boré* os sons tão cavos
Deram começo á luta encarniçada!

- Antes a morte do que ser escravos!...

A grande taba extinga-se arrazada
Caia no pó do esquecimento, e nessa
Das éras confusão, ella a afamada

Não deixe nem memoria!... Eia! Depressa!
O inimigo ahí vem, avança! Avança!
De fréchas uma nuvem densa, espessa

Os bravos *Cahetés* ao espaço lança...
O estrangeiro recua. Chovem balas
Sobre a cohorte viril que não se cança!...

Os morteiros fataes abrem nas alas
Que Mundahú dirige no combate
E que se orgulha então de commandal-gs.

Claros e claros!... No feroz embate
Tombaram Muricy, Manguaba, Utinga.
E o féro Sanhassú que inda se bate

Na ultima agonia! Na restinga
Cadaveres aos centos se amontoam.
Brigam ainda até que enfim se extinga

O ultimo da raça. As fréchas vôam
Para os corpos crivar dos contendores;
Mas já da *inubia* os fracos sons resoam...

Inda um troço de fortes lutadores
Do grande chefe em torno, ardendo em sanha,
Tenta, em vão, esmagar os matadores

Dos queridos irmãos !... Oh ! luta estranha
De quinze contra mil !... Uma descarga
Fal-os cahir... O sangue o sòlo banha...

Ficara Mundahú !...

*
**

Uma onda amarga
De lagrimas, de magoa e desespero
Banhou-lhe a face... Elle o tacape larga...

A dor sulcava-lhe o semblante austero...
Chorava... O sangue, rubro das feridas
Corria em jorros !... E n'um gesto féro,

Vendo a morte tomar-lhe tantas vidas
E a gloria de uma raça toda morta,
Desertas as paragens tão queridas,

Bradou : Antes assim ! Antes ! Que importa !
Mortos mil vezes, sem a odiosa algema
Do estrangeiro !... E quedou-se. A alma absorta

Vagava alè m na região suprema
Das *montanhas azues*. Purpureava
Do horisonte sem fim a curva extrema,

O fulgôr da manhã, e illuminava
O campo funerario da peleja...
O guerreiro desperta e os olhos crava

No doloroso quadro (Nunca veja

Olhar humano um quadro assim !) Coberto
De mortos o tapiz verde negreja

De sangue em coalhos . . . Tudo mais deserto
E silencioso como um campo santo . . .
Mundahú recuou, fugiu de perto

Dessa vasta necropole. De pranto
Uma caudal correu-lhe pelo rosto
E assim chorando tanto e tanto e tanto,

Na inconsciencia mortal de seo desgosto,
Depois de muito caminhar deteve
O passo . . . Era na hora do sol posto.

N'uma pedra sentou-se e não conteve
O chôro . . . Longas lagrimas cahiam
N'aquella magoa que se não descreve . . .

Já o solo relvoso humedeciam . . .
Chorava ainda . . . Um correjo formou-se . . .
Pela planicie lagrimas corriam . . .

E como o pranto persistente fosse
Logo depois em caudaloso rio
O pequeno regato transformou-se . . .

E Tupan vendo este pezar sombrio
Do grande chefe desgraçado e forte
Das aguas leito pedregoso e frio

Tornou seo corpo, arrebantado á morte
Um pasto certo. Qual giboia enorme,
Hoje colleia desde o Sul ao Norte

Das aguas que aqui vês a massa informe
Que sobre as pedras ruge e se desaba
Como uma *sucury* que nunca dorme

Encerra um nome que jamais se acaba,
As glórias de uma raça que finou-se
E alma ativa do *morubixaba*! . . .

*
* *

Disse o velhinho tremulo e calou-se! . . .

Recife

ARISTHEO DE ANDRADE



Chronica

Para o corpo redactorial da *Escola de Direito* entraram os nossos presados collegas Augusto Corrêa Pinto e Soriano de Albuquerque, cujos nomes, já bastante conhecidos no nosso meio, dispensam mais elogios.

Soriano de Albuquerque vem substituir o nosso collega Felinto de Gouveia.

A *Escola* passa de hoje em diante a ser impressa nas officinas dos conceituados collegas do *Commercio de Pernambuco*.

Os jornaes desta capital deram minuciosa noticia

da festa literaria com que a sociedade *Gonçalves Dias* solemnizou o anniversario de sua installação em 28 de Maio.

A carencia de espaço leva-nos a passar mui por alto sobre esse festival, cuja lembrança perdurará no animo de quantos o assistiram; desnecessario será entretanto, dizer que a *Gonçalves Dias* esteve na altura de seus creditos.

Presidiu a sessão o nosso querido collega José Julião Junior, iniciando-a com um alevantado e bem elaborado discurso, falando logo após ao orador official desse gremio de homens de letras, em nome da *Escola*, o nosso talentoso collega Mello Cahú.

Punge-nos o coração de collegas amantissimos noticia recentemente vinda de Therezina, que nos diz achar-se acommettido de molestia, que o obrigou a acamar-se, o nosso distinctissimo collega Miguel de Paiva Rosa; pelo seu completo restabelecimento, em breve, fazemos os mais ardentes votos.

Entre os escriptos que a *Escola* estampa no presente numero figuram, firmadas pelo nosso collega Luiz Corrêa, umas considerações sobre a *Confederação do Norte*.

Comquanto em desaccôrdo com as ideias abraçadas pelo seu intelligente autor, gostosamente cedemos as nossas columnas á sua valiosa cooperação.

Quem sabe quanto vale para nós a amizade de Aristheu d Andrade poderá avaliar a saudade que nos deixa a sua ausencia.

Seguiu para Alagoas o nosso talentoso companheiro de redacção em visita á sua extremosa mão por cujo restabelecimento de molestia que a tem acamado, ha dias, consigamos aqui os nossos melhores votos.

3 no 191

A bordo do *Alagoas* tomou passagem até a Parahyba o nosso intelligente collaborador e querido amigo Arthur dos Anjos.

Bôa viagem.

Impressos e Impressões

Deram-nos o prazer de sua visita os estimavies confrades do *Orbe (Alagoas)*, do *Labor*, *Lanterua Magica*, *Oasis (Natal)* e o *Rio Negro*, da imprensa Amazonense.

*Penhorados agradecemos a distincção que nos dispensa semanalmente o illustrado confrade do *Oriente*, criterioso periodico de propaganda maçonica e ideias liberaes, de cuja redacção se incumbe o illustre snr. dr. Carneiro Vilella.

Em uma das edições que temos á vista, estampa um soneto de Aristheu de Andrade, que a *Escola* se orgulha de ter entre os seus redactores.

Dê-nos o illustre confrade sempre a satisfação de sua presença.

*Accusamos o recebimento do numero 1.^o, anno 3.^o do *Congresso Academico*.

*A's nossas mãos vieram ter o fasciculo 18 do conceituado orgão catholico nesta capital—*A Crença*, o numero 17—anno 2.^o do *Combate*, que se publica em S. Paulo e o *Commercio de Alagoas*.